

APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ENTRE HISTÓRIA ORAL E NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

Ana Paula Martins Farias Vasconcelos

Universidade Estadual Vale do Acaraú

<https://orcid.org/0000-0003-1202-6411>

Caio Corrêa Derossi

Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0001-9762-7392>

Luciana Rodrigues Leite

Universidade Estadual do Ceará

<https://orcid.org/0000-0003-1915-6462>

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo compreender e analisar as possibilidades dos usos da história oral para a pesquisa educacional, propondo uma comparação teórico-metodológica com as narrativas (auto) biográficas. Nesse sentido, a pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza bibliográfica, contou com análises e discussões teórico-metodológicas da literatura especializada que validaram a produção de conhecimento conjunta entre a história oral e das narrativas (auto) biográficas para trabalhos nos campos da história e da educação. No entanto, também foi preservado um esforço de manutenção e de reconhecimento das particularidades de cada vertente, não perdendo no esforço comparativo o horizonte de pontos de toque e de distanciamento entre cada perspectiva.

PALAVRAS-CHAVE: História oral; Narrativas (auto) biográficas docentes; Produção de conhecimento.

Abstract

This article aims to understand and analyze the possibilities of using oral history for educational research, proposing a theoretical-methodological comparison with (self) biographical narratives. In this sense, the qualitative, bibliographical research included analyses and theoretical-methodological discussions of specialized literature that validated the joint production of knowledge between oral history and (auto)biographical narratives for work in the fields of history and education. However, an effort was also made to maintain and recognize the particularities of each strand, without losing the horizon of points of contact and distance between each perspective in the comparative effort.

Keywords: Oral history; Teachers' (self) biographical narratives; Knowledge production.

Resumen

El objetivo de este artículo es comprender y analizar las posibilidades de utilización de la historia oral en la investigación educativa, proponiendo una comparación teórico-metodológica con las narrativas (auto)biográficas. En este sentido, la investigación cualitativa y bibliográfica incluyó análisis y discusiones teórico-metodológicas de literatura especializada que validó la producción conjunta de conocimiento entre la historia oral y las narrativas (auto)biográficas para el trabajo en los campos de la historia y la educación. Sin embargo, también se procuró mantener y reconocer las particularidades de cada vertiente, sin perder el horizonte de puntos de contacto y distancia entre cada perspectiva en el esfuerzo comparativo.

Palabras clave: Historia oral; Relatos (auto)biográficos de profesores; Producción de conocimientos.

1 INTRODUÇÃO

Quando o pesquisador escuta, interpreta e analisa as narrativas de outros profissionais da educação, uma pergunta se faz presente: como relacionar tais narrativas com o presente, ou seja, com o tempo que vivemos? Por mais que a narrativa guarde um caráter recente e entendamos de acordo com Koselleck (2006) que a história não é mestra da vida, ou seja, não se presta exclusiva ou primeiramente, a extrair lições pretéritas para aplicação no presente, o passado relatado nos impele a pensar sobre o que aquilo que ouvimos tem relação conosco. Por isto, o trabalho do investigador que pensa com/sobre as histórias faz com que percorramos e reconfiguremos os caminhos tratados.

Narrar envolve uma perspectiva interessada de organização e de seleção de fatos que comporão o relato e que, conforme Benjamin (2012) vem sofrendo um processo de esvaziamento, uma vez que o narrar, perde em seus múltiplos elementos, com o excesso de informações dadas no contexto contemporâneo. Então, a narrativa é relevante para Benjamin (2012), no sentido que o ouvinte imerge nos relatos e esquece, em um primeiro momento, das próprias questões. Tal movimento imersivo é dificultado quando o bombardeamento de informações várias faz com que o indivíduo não embarque, não acredite na história narrada. Com a história oral, esta dinâmica de acreditar no relato narrado se faz importante, quebrando com uma ideia de neutralidade e de distanciamento entre o pesquisador e o objetivo, além de, evidenciar que o investigador não apenas ouve passivamente o que o entrevistado fala, mas sim, está elaborando em conjunto, como coautor, no processo das perguntas, dos temas motivadores e das respostas dadas. É importante ressaltar que esta imbricação do pesquisador não reduz ou macula a cientificidade da proposta, e que, no trabalho com as histórias orais dos seres humanos, é imprescindível partir da consideração de que os relatos partem das memórias e das seleções dos sujeitos com perspectivas de vida, de formação e de trabalho distintas. Por isto, o momento da escuta e da produção da entrevista oral, por exemplo, não pode ser entendido como simples coleta de dados, mas sim, de produção de dados, visto que envolve uma dinâmica de partilhas sensíveis e multilaterais entre os envolvidos.

Cada momento de troca e de produção narrativa envolve uma doação, uma relação de confiança e de ética relacionais estabelecidas, que precisam acontecer, para que o movimento de experimentação oral ocorra. É válido sublinhar que, tanto as relações de confiança e de interação entre os sujeitos, bem como, as posteriores análises, não se dão, de modo prontamente estabelecido ou ainda em curto prazo. Por mais que o pesquisador se muna dos planejamentos e dos aparelhamentos objetivos para a produção científica, ele depende das sensibilidades, da escuta sensível, da aceitação incondicional do outro, da empatia, dentre outros pressupostos humanistas (Rogers, 1973), que escapam da mera técnica e, que por isto, fazem o trabalho com as histórias orais tão rico em possibilidades.

Diante deste horizonte, em relação a riqueza de horizontes, cita-se os trabalhos de Tomazi (2023) e Pranto (2023) que inspiraram a produção do artigo e que, trabalharam respectivamente, as narrativas (auto) biográficas de professores de música e os contributos da história oral em interface com a história da educação. As duas pesquisadoras são citadas como exemplos, entre uma miríade de possibilidades, já que, as duas perspectivas de investigação podem propor diálogos e servir de instrumental para variadas áreas.

O presente trabalho constitui-se, portanto, como uma pesquisa bibliográfica cujo interesse reside nas interfaces entre a história oral e as narrativas (auto) biográficas, fundamentado nas categorias de autoridade compartilhada, narrativa, entrevista e diálogo (Pranto, 2023). As discussões foram tecidas sob a égide da seguinte questão motivadora: qual a viabilidade de propor investigações com história oral e narrativas sendo que tais objetos e teorias são tão dinâmicos e fluidos? Assim, o objetivo deste estudo consiste em analisar as possibilidades de usos da história oral para a pesquisa educacional, propondo uma comparação teórico-metodológica com as narrativas (auto) biográficas.

Portanto, em termos de organização do artigo, para além das seções introdutórias e de considerações finais, o texto apresenta duas subdivisões. A primeira se refere à produção de narrativas docentes nas duas perspectivas. A

segunda trata do relacionamento entre os sujeitos nas pesquisas em história oral e narrativas (auto) biográficas e as memórias.

NARRATIVAS DOCENTES E PERSPECTIVAS DE PESQUISA NA HISTÓRIA E NA EDUCAÇÃO

A presente seção tratará das narrativas docentes a partir das contribuições das narrativas (auto) biográficas e da história oral. Para isso, serão apresentados o contexto epistemológico geral e depois os aspectos idiossincráticos de cada perspectiva, observando como cada campo organizou suas agendas de pesquisa, em especial o que se refere às narrativas docentes.

Desde os anos 1990, no contexto brasileiro, as pesquisas em história oral e com narrativas (auto) biográficas se iniciaram em contextos acadêmicos, beneficiando-se das discussões internacionais e dos avanços nos programas de pós-graduação e na formação de grupos de estudos e de pesquisas. Para além disto, uma crítica às perspectivas estruturalistas impulsionou, em termos epistemológicos, a produção do conhecimento nestes moldes narrativos e orais.

Com relação aos estudos (auto) biográficos em educação, Passeggi (2020) destaca que na década de 1980, no contexto europeu, trabalhos de António Nóvoa e Matthias Finger, e outros se debruçaram em compreender o papel da subjetividade nos estudos educacionais, além de pensar em como as singularidades estavam presentes nos processos de transformação e conhecimento de si. Maffioletti e Abrahão (2017) chamaram atenção que entre as décadas de 1920 e 1930, a Escola de Chicago, teve pioneirismo em usar as narrativas (auto) biográficas nos estudos sociológicos e antropológicos, em associação ao trabalho etnográfico e de entrevistas, já marcado no ramo das ciências sociais, com grupos marginalizados da sociedade norte-americana da época.

Nesta perspectiva, trabalhos como de Charmaz (2009) e Tarozzi (2011) evidenciam que esta contribuição no campo das ciências sociais reverberou para o âmbito educacional, colaborando para se pensar nas histórias de vida e nos percursos (auto) biográficos de docentes e suas vidas, suas formações e seus trabalhos, fomentando uma série de estudos que exploram, como apontado por

Souza (2018) e Souza e Bellochio (2019). Para Abrahão (2004), pensar as narrativas docentes instaura um movimento de reconhecer que aquela história autorreferente traz uma série de significação de/para si e para os demais, em razão dos recortes de memórias, de tempo, de espaços e da dinâmica de reflexão e de interesses postas nas narrativas.

Abrahão e Bolívar (2014) destacaram como as narrativas docentes se mostram cada vez mais presentes nas investigações, sendo enfocadas nas histórias de vida, de formação e de trabalho e nas dinâmicas (auto) biográficas. Isto, marcando um lastro com as contribuições da Escola de Chicago, já referenciada, ou ainda, pelas contribuições de John Dewey, no sentido de se valorizar as experiências como objeto central das pesquisas, se relacionando com uma perspectiva formativa das (auto) biografias.

Nesse sentido, Josso esclarece: "não é somente compreender como nos formamos e nos transformamos ao longo de nossa vida, mediante um conjunto de vivências transformadas em experiências (...)" (2010, p. 65), mas também nos situar no contexto concreto onde essas experiências ocorrem, para então ressignificá-las. Josso continua enfatizando a importância de articular "nossas heranças, nossas experiências formadoras, nossas pertenças, nossas valorizações, nossos desejos e nosso imaginário com as oportunidades socioculturais que saberemos aprender, criar e explorar [...]" (Josso, 2010, p. 65).

Deste modo, Passeggi (2020) reflete que as narrativas (auto) biográficas de professores contribuem tanto no reconhecimento e na valorização da subjetividade nas pesquisas educacionais, quanto no relacionamento e na partilha autoral dos relatos, como tratado na seção anterior. Para Abreu (2011), as narrativas docentes evidenciam os movimentos da vida que constituem quem são as pessoas, os profissionais.

Em analogia com Josso (2010), as narrativas docentes demonstram um caminhar para si, refletidos nos discursos por meio das reflexões acerca de suas vidas, de suas formações e de seus trabalhos, que no processo teórico-metodológico das entrevistas narrativas, tais elementos são explicitados. Josso (2010) entende que o processo narrativo, norteado pelos instrumentos de

pesquisa ou colocados de modo espontâneo, refletem como os relatos docentes são dinâmicos e oferecem uma ampla abordagem de reflexão nas investigações.

Cumprer ressaltar ainda, no contexto brasileiro, a criação do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica em 2004 e da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica (Biograph) em 2008, marcos para a produção e a socialização, em termos regional e transnacional das investigações. E a proposição de eventos e de uma associação colabora com a organização de uma agenda de pesquisa que organiza o campo de estudo.

É importante destacar que os trabalhos com história oral se iniciaram após a criação do gravador de fita, ainda na década de 1950 e as pesquisas se intensificaram na área a partir dos anos 1970, principalmente nos Estados Unidos, México e Europa. No campo da história oral brasileira, o trabalho de Fonseca (1997) contou com entrevistas de professores de história da educação básica e do ensino superior das diferentes regiões brasileiras, que compôs de modo contextualizado (Meihy; Seawright, 2020; Meihy; Holanda, 2007), a história da profissão docente em contexto recente das transformações político-sociais do Brasil. Outro trabalho que, embora não seja de história oral, mas merece a referência por tratar das histórias dos professores e de seus saberes, por meio de entrevistas, foi a pesquisa de Monteiro (2007). A autora se utilizou dos relatos e das narrativas para a compreensão das práticas pedagógicas no ensino de história. Ainda cabe uma referência a um trabalho anterior, de Fonseca (1997), que tratou da história oral de vida de professores de história.

Desde os anos 1990 até os presentes dias, vários outros pesquisadores se debruçaram em pensar a história oral, a exemplo de Santhiago e Magalhães (2014); Meihy e Salgado Ribeiro (2011); Meihy e Holanda (2007); Ferreira e Amado (2006); Alberti (2005) e Ferreira, Fernandes e Alberti (2000). A intenção aqui é de citar e de reconhecer alguns trabalhos e autores, até já referenciados no presente texto, não se aprofundando nas discussões particulares de cada obra, uma vez que, o referencial construído está presente no texto.

Cumprer destacar também, em termos da história oral, a ação de algumas instituições na criação de acervos digitais que reúnem narrativas produzidas em pesquisa, como: o Repositório de História Oral da Universidade Federal do Rio

Grande do Sul (UFRGS) e o Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF). O último citado possui um acervo denominado trajetórias docentes que reúnem narrativas (auto) biográficas de professores atuantes nos diferentes segmentos de ensino e em momentos distintos da carreira.

Além disso, vale destacar também a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) em 1994 e da Revista Brasileira de História Oral (RBHO) em 1998, que congrega pesquisadores e socializa produções, além de promover encontros científicos nacionais e regionais. Em âmbito internacional, em 1996, foi criada a International Oral History Association (Associação Internacional de História Oral - IOHA, na sigla em inglês).

Para concluir, pode-se perceber que tanto as perspectivas das narrativas (auto) biográficas, como a da história oral, organizaram e sistematizaram formas de investigação, eventos e associações, em articulação transnacional, para o trabalho de uma agenda de pesquisa conjunta e que, neste caso, contemple as discussões que permeiam os relatos docentes e os pontos de toque entre a história e a educação. Logo, a apresentação das formações das pesquisas e das ações de cada área, em termos das narrativas docentes, contribuíram também para o alcance do objetivo de compreender e analisar as possibilidades dos usos das narrativas orais para a pesquisa educacional, propondo uma comparação teórico-metodológica com as narrativas (auto) biográficas.

NARRATIVAS ORAIS E AS RELAÇÕES COM OS SUJEITOS

A presente seção discute o relacionamento entre os sujeitos envolvidos nas proposições de história oral e das narrativas (auto) biográficas, focando nos diálogos estabelecidos e nas perspectivas advindas da entrevista narrativa, como ferramenta teórico-metodológico para a produção dos relatos. A discussão da memória, suas particularidades e sua constituição como fonte para a história oral também são apresentadas, como modo de refletir sobre a produção do conhecimento. A seção traz também trechos em narrativa em primeira pessoa,

os quais o autor relata experiências próprias com o processo investigativo, se apropriando do referencial proposto.

Benjamin (2012) alertou que, mesmo com o tempo limitado e a ausência de destinatários específicos, as narrativas são uma experiência humana de refletir sobre as vivências passadas, as memórias e as intenções que querem ser veiculadas. Pensando como Larrosa (2020) que a experiência é o que nos afeta, nos atravessa, nos passa, os silêncios, as pausas, os ritmos, as idas e as vindas são marcas da narração do vivido. Sobre isto, concordando com Portelli (2016), as narrativas orais não representam apenas um determinado evento, mas sim, as significações dadas ao conjunto experiencial, na relação de interesse e de diálogo entre quem ouve e quem escuta. Logo, Benjamin (2012) compreendeu que a narrativa pode fugir de um planejamento prévio, pois o processo de rememoração impõe outras questões de interesse, de tempo e de memória.

Sobre a memória, é importante realizar uma breve digressão que complementa e aponta as relações memorialísticas do trabalho com fontes orais. Em primeiro lugar, concorda-se com Sousa (2022) que, os estudos sobre a memória são vastos e variados em campos de conhecimento diversos, é importante destacar que a memória pode ser fonte para a produção da história oral e das narrativas, desvelando, mesmo que sem intenção consciente, o caráter de agente, de produtor da história daquele sujeito. Portanto, o pesquisador pode partir da memória, com os instrumentais teórico-metodológicos adequados para a produção de saberes.

Outro ponto que deve ser destacado acerca da memória, encontra apoio em Traverso (2012), para quem a memória e a história não são separadas e estão em constante relação. Isto demonstra que os aspectos memoriais servem como fonte para a escrita da história, além de possibilitar os reconhecimentos social e institucional de sujeitos e contextos postos à penumbra pelas práticas de produção do conhecimento. Entretanto, Traverso (2012) destacou a importância do pesquisador no trato com os sujeitos e no contato com a produção das memórias, uma vez que, a oralidade pode conter falhas,

esquecimentos, intencionais ou não, e até mesmo gerar abalos sentimentais decorrentes da rememoração.

Neste sentido, Lozano (2006) destacou que a etapa de interpretação das memórias deve seguir um aparato consolidado de teorias e de metodologias, que reconheçam as particularidades das memórias e que retomam, como já sinalizado nas investigações, o exame crítico das fontes e das suas relações a partir dos objetivos e das questões da pesquisa. Por isto, Lozano (2006) reforçou os desafios de se trabalhar com a história oral e com as memórias, tendo em vista os processos de transformação de tais lembranças, suas características próprias e a necessidade compartilhada de rigor crítico e interdisciplinar. Uma vez que, os atores sociais, são na maioria das vezes, excluídos e silenciados das produções, podendo neste caso, compartilhar perspectivas pessoais do mundo social.

Mas, o que se destaca em termos do uso da memória na história oral e nas narrativas para a produção do conhecimento, são as suas potencialidades epistemológicas bem como seu compromisso social de não continuar negligenciando sujeitos e formas de produzir saberes, como destacou François (2006). Novamente, o uso de fontes orais e de outros recursos metodológicos, mesmo que não sendo os comumente utilizados e chancelados por escolas clássicas de pensamento, não prescindem da análise crítica do pesquisador e da consideração dos contextos e dos sujeitos envolvidos, não buscando uma verdade absoluta e positivista de um assunto, bem como, reconhecendo que, por se tratar da memória, alguns dados e questões podem mudar e/ou ser ressignificados.

Destarte, concorda-se com Sousa (2022) que a memória pode beneficiar uma série de estudos em história oral e em narrativas, propondo um realinhamento epistemológico e de formas de se pensar a produção de saberes. Logo, a memória extrapola um lugar já considerado da literatura, do fantástico, do mitológico e, em sua intencionalidade, em seus símbolos, é encarada como fonte, como objeto e como fio condutor de investigações que vão considerar outros sujeitos e outros contextos, que geralmente têm suas vozes abafadas.

Retornando a questão da experiência e das narrativas, cabe ao interlocutor, ao pesquisador, mesmo munido de um roteiro ou de questões norteadoras, perceber as potencialidades e a imprevisibilidade das narrações das fontes, que podem legar contributos à investigação, cabendo ao interlocutor não censurar os narradores e a pensar suas questões de pesquisa a partir das falas. Sobre isto, Hermeto e Santhiago (2022) relataram das vezes que as entrevistas orais fugiram dos escopos pesquisados e possibilitaram uma infinidade de interpretações para os autores.

Tal como nas pesquisas com documentos escritos, oficiais, que não devem ser formatados para responder às questões próprias das investigações, os autores (2022) chamaram atenção para que, como o não dito ou as afirmações para além dos temas propostos são ricos para pensar outros aspectos dentro e fora da pesquisa. Talvez, o descrédito com as narrações feitas para além do tema, sejam derivadas de uma postura normativa do pesquisador, em meio a recortes e especificações científicas, que não são coerentes com a utilização das fontes orais e que acabam por minar o processo investigação de criação de hipóteses, de perguntas, a serem confirmadas ou não no decorrer da pesquisa.

Neste sentido, os não-ditos e as questões que extrapolam a temática da pesquisa são importantes para a reflexão do pesquisador, além de assumir que as narrações são parte de uma coautoria, de uma autoria compartilhada, de uma narração que o entrevistado deixa registrada, gravada (FRISCH, 2016). Mesmo que, como supracitado, o processo de construção seja dialógico e feito em conjunto entre pesquisador e pesquisado, parte-se dos relatos, das narrações gravadas, como forma de respeito, de confiança e de ética entre quem narra para quem escuta. Mas, o que se quer frisar, é que sem a narração inicial, produzida e socializada dentro dos pressupostos citados, não se tem ponto de partida para a construção do conhecimento.

Deste modo, tanto na história oral, como nas investigações (auto) biográficas, dispõe-se de uma autoridade compartilhada, uma vez que, a produção narrativa se dá de modo dialógico entre os sujeitos que narram, escutam, entrevistam e pesquisam, clivando aspectos das memórias, dos

interesses, dos referenciais teóricos, objetivos e questões hipotéticas. Vale destacar que, a minha experiência com a entrevista narrativa, seguindo o referencial de Jovchelovitch e Bauer (2002), por se tratar de um instrumento teórico metodológico que permite que o sujeito narre amplamente e que ao fim, possa ter acesso a transcrição fazendo supressões e/ou acréscimos, ou ainda, respondendo algum ponto específico ao pesquisador, a autoridade compartilhada fica explicitada. Além disto, a proposta metodológica evidencia também um vínculo próximo entre o sujeito, a temática e o investigador.

Assim, para Jovchelovitch e Bauer (2002), quando se pensa a etimologia do termo narrar, em sua acepção latina de contar, de relatar uma história, dois elementos são importantes de serem notados: o primeiro, é que a narração implica em cargas experienciais e conceituais de nossas ações e de nossas trajetórias que permeiam os nossos discursos. Em segundo lugar, narrar implica em agir de modo consciente, interessado e reflexivo diante dos fatos, das memórias, atribuindo significados.

Deste modo, mesmo admitindo que, por variadas razões, existem laços e relações distintas empreendidas na produção das pesquisas, ressalta-se que, a proposição das narrativas é marcadamente dialógica e colaborativa, no sentido da escuta, das interpretações e das reelaborações propostas pelos envolvidos. Na mesma direção, concorda-se com Santhiago (2016) que o trabalho com a história oral implica também em uma dimensão da história pública que, além dos elementos da autoridade compartilhada, evidenciam uma proposição narrativa que imiscuir os agentes públicos, as instituições, os tempos e os espaços sistematizados pelos sujeitos.

Ainda sobre o tema, Frisch (2016) compreendeu que a articulação da autoridade compartilhada une a história oral com a história pública, em razão das suas afinidades temáticas e da possibilidade de alargar o número de autores e de interpretações. Como supracitado, existem diferentes arranjos de pesquisas e de métodos, não se chancelando uma perspectiva de uma norma única. Mas, o que é posto, vai na direção do reconhecimento da colaboração, da partilha e da coletividade que marcam as narrativas e que não podem ser negadas na produção das pesquisas.

A autoridade compartilhada implica em reconhecer que, mesmo existindo um pesquisador, uma orientação teórico-metodológica, a autoridade está por vezes, em quem narra suas histórias, em vários casos, extrapolando sentidos oficiais e já difundidos, por revelar dimensões particulares de práticas sociais. Isto é sublinhado, pois como já apontado por Halbwachs (2017), as memórias individuais se misturam com as construções, com as representações coletivas acerca de determinado fato, que denota uma série de interesses e de apropriações múltiplas que se reduzem e/ou se multiplicam em um movimento de espiral. Por isto, que a breve discussão acerca da memória apresentada anteriormente é relevante para pensar nos aspectos subjetivos, constitutivos das fontes e que se relacionam com dimensões sociais e globais.

Em termos de se refletir sobre a reflexão das relações dos sujeitos nas perspectivas das pesquisas (auto) biográficas em educação, Passeggi (2020) já sinalizou que a grafia entre parênteses do prefixo auto, denota para a existência de um relacionamento dialógico entre os sujeitos envolvidos nas narrativas. Isto demarca, que não se trata apenas de um relato em mão única de quem narra, mas sim, de uma construção coletiva que permite a inserção e a interpretação do pesquisador.

Tal movimento de contato e de inflexão entre as narrativas sinaliza para a presença das subjetividades entre os envolvidos na produção narrativa que, para Passeggi e Souza (2017) implicou em pensar as narrativas em um formato epistêmico-político de produção do conhecimento, já que se mostra implicado, comprometido e revelador das ações dos sujeitos. Além disto, os autores (2017), marcaram que a proposta das narrativas, em relação ampla com os sujeitos é de uma aposta pós-colonial, já que reconhece as dimensões de socialização, das práticas e dos demais fenômenos antropológicos envolvidos na produção do conhecimento. E, por fim, o trabalho narrativo é pós-disciplinar, no sentido que reconhece a subjetividade e rompe com uma lógica da ciência moderna, positivista e cartesiana com a produção dos saberes.

Ao fim, é importante ressaltar que, o movimento de narrar é constitutivo dos sujeitos e das culturas, desde os mais remotos tempos e da mais tenra idade, implicando em nossas relações com os demais sujeitos e o nosso estar

no mundo, uma vez que, os nossos discursos são carregados de experiências. Sobre isso, as narrativas estão associadas às religiões, aos mitos, aos ideais de formação e aos processos cognitivos de desenvolvimento humano, estudados por diversas vertentes da psicologia, por exemplo. Tais movimentos experienciais problematizam e revelam elementos constitutivos de nossas vidas, nossas formações, nossos trabalhos, sempre postos em movimento.

Logo, os caracteres fluidos e dinâmicos das memórias e das narrativas são ressaltados, no sentido das mudanças, das passagens do tempo e das reelaborações realizadas pelos sujeitos. E são, tais características, que marcam as transformações, que são ricas e geralmente, interessam aos pesquisadores. De todo caso, como nas variadas fontes, é necessário um olhar crítico e uma relativização dos conceitos de verdade única e de exatidão. Porém, o dado relevante que se coloca, é que as memórias, as narrações são fontes ricas para se pensar os problemas de pesquisa, em conjunto com as teorias e demais objetos, fontes.

Thompson (2002) já alertara que o historiador pode, por meio das memórias, refletir sobre a história e pensar em elementos idiossincráticos contados pelos sujeitos, tal como, com as devidas ressalvas, o psicanalista faz em relação ao trabalho com o inconsciente, os traumas e os mecanismos de defesa dos seus pacientes. Na minha perspectiva, a comparação entre o historiador e o psicanalista me animava, não apenas por poder ouvir os sujeitos, mas sim, por tentar reconhecer as pistas e as imaginações que embasaram as narrativas.

Primeiro, pois no diálogo com a história oral, com as narrativas (auto) biográficas o interlocutor, por mais que esteja em diálogo, pouco interfere nos relatos, oferecendo apenas temas mobilizadores e momentos finais de interpretação da história. Segundo, pois as narrativas são muito ricas e acabam extrapolando objetivos e temas, revelando uma série de sensibilidades, de desventuras, de dissabores e de novidades, que remetem em alguma esfera o espaço psicoterapêutico.

Em diálogo com Certeau (2014), as narrativas podem demonstrar complexas relações de poder, bem como, estratégias e táticas adotadas pelos

professores nas diversas relações de vida, de formação e de trabalho. Entretanto, cabe ao pesquisador reconhecer que ele ocupa outro espaço, que não o do psicólogo. Isto é posto, uma vez que, além de formações e objetivos distintos, o interesse pela subjetividade na pesquisa, não se comunica com o objetivo psicoterapêutico e analítico do profissional de Psicologia em atuação. Portanto, por mais que os sujeitos sejam atravessados e afetados pelas experiências diversas, o tratamento e os interesses entre os dois profissionais são diferentes.

Pranto (2023), sinalizou que existem formatos e tipos de relações variadas nas pesquisas orais e que, em muitos casos, o sujeito que narra, pouco é receptivo ao pesquisador, não o encara e nem consegue estabelecer um diálogo profundo. Tal observação não é feita em um sentido de juízo de valor e deve-se considerar a complexidade envolvendo os sujeitos, que não vão ser amplamente discutidas aqui, mas que se concorda com Portelli (2016) que o seu lugar social afeta como o outro te vê e, por conseguinte, como é o que ele partilha. Entretanto, independente do formato e das relações estabelecidas, as dimensões do diálogo e da colaboração se fazem presentes.

Destarte, o que se pretende frisar é que, a depender do objetivo, do tipo de pesquisa e do pesquisador, o modo de se trabalhar com a história oral pode mudar, a exemplo dos modos de transcrição e do uso de tecnologias digitais para o registro audiovisual das entrevistas. Logo, deve-se considerar também políticas e diretrizes de organização e preservação de acervos nos relatos orais, o que, por conseguinte, impacta diretamente na divulgação e nos modos de utilização da história oral.

ÀS GUIAS DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo compreender e analisar as possibilidades dos usos da história oral para a pesquisa educacional, propondo uma comparação teórico-metodológica com as narrativas (auto) biográficas. Para tanto, a partir das produções da literatura especializada, propôs um balanço explicativo e comparativo das perspectivas da história oral e das narrativas (auto)

biográficas com foco nas relações com os sujeitos e nos relatos docentes. Ao fim, o texto ainda propôs a apresentação da narrativa de um professor de história da educação básica com uma análise a pensar os elementos constitutivos da história oral e das narrativas (auto) biográficas.

Ouvir, narrar, criar relações de confiança, refletir com/sobre as memórias e sobre seus interesses são os pontos de partida para quem busca um trabalho com história oral e (auto) biografias, reconhecendo o trabalho de autoria e de autoridade compartilhadas, realizado em base dialógica e coletiva. A produção das pesquisas implica em uma investigação entre muitas mãos, idas e vindas, fluidez das memórias e dos relatos e estabelecimento de uma relação menos distante entre os sujeitos, o que não faz prescindir do rigor teórico-metodológico.

Trabalhar com as narrativas orais e (auto) biográficas impõe desafios singulares e compartilhados das investigações que mesclam história e educação, na perspectiva da necessidade de um olhar crítico e da legitimação da produção do conhecimento. Ao passo de todo e qualquer tipo de óbice, a partilha e a produção das narrativas incentivam a pensar os objetos, os tempos e os espaços a partir de um olhar único, recortado entre seus interesses, mas que são mediadores dos elementos macro e micro sociais, reconhecendo não buscando por uma verdade positivista, cartesiana, mas sim, o desejo por uma reflexão que considera os fragmentos das imagens geradas, além das camadas de tempo e das memórias.

As narrativas orais e (auto) biográficas permitem trabalhar as subjetividades na interface entre o que é singular e o que é público, reforçando o que fora disposto por Mauad (2016) e Maciel (2016) na relação das narrativas orais com a divulgação científica pela sociedade e os laços sociais de compromisso com a ciência. Logo, a proposição que está no âmago das narrativas extrapola o ambiente acadêmico e colabora com a compreensão das temáticas da história e da educação de uma forma mais próxima os contextos com os sujeitos.

Neste sentido, o texto também realizou alguns apontamentos sobre a memória. Os apontamentos indicaram a inseparabilidade entre memória e história e como os aspectos memorialísticos servem para a produção de fontes

orais e narrativas. Entretanto, foi destacado que o trabalho com a memória, exige igualmente de todo pesquisador que faz uso das mais diversas fontes, um exame crítico, considerando suas mudanças, seus interesses, suas falhas e a não busca por uma história única.

A partir das contribuições de Garbosa e Weber (2017), pensando as pesquisas (auto) biográficas, mas que podem ser estendidas a dimensão da história oral, ambos métodos de pesquisa se preocupam em colocar os sujeitos, no caso específico, os professores, no centro das investigações, de forma a traçar diálogos com vários campos do conhecimento. Neste sentido, Passeggi (2016) sinalizou que o narrar a própria vida, as participações e as inserções nos diversos contextos, colaboram para entender as perspectivas relacionais e experienciais dos sujeitos, em uma dinâmica epistemológica, retratada desde as contribuições das ciências sociais até as pesquisas recentes na história e na educação.

Abreu (2011) evidenciou que o interesse pelas histórias orais e (auto) biográficas não residem exclusivamente nos discursos em si, uma vez que, além de reforçar a coletividade e a colaboração marcada nas interpretações das narrativas, as histórias são reveladoras dos contextos e dos movimentos de reelaboração dos significados vividos. Por isto, não se busca uma verdade cartesiana dos fatos, mas sim, compreender como o exercício interessado da memória articulou os sentidos, os significados, os tempos e os espaços. Portanto, o trabalho com as histórias orais e narrativas (auto) biográficas implicam em reconhecer as variadas vozes e representações presentes em uma narrativa.

Ao fim, o processo de narrar, nos casos tratados, supera uma simples questão circunstancial e se inscrevem como destacaram Souza e Meireles (2017), em um processo formativo contínuo e dinâmico, que perpassa, de modo metalinguístico, os processos de transformação das pesquisas e dos sujeitos. Portanto, como sinalizou Josso (2010), as narrativas se inscrevem em um processo formador e transformador de si, marcado por reinvenções, alteridades, projetos e compreensões dinâmicas, que marcam uma entrega de quem narra, aberta também para a reflexão e as interpretações do outro.

Referências

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto) biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 201-224.
- ABREU, Delmary Vasconcelos de. *Tornar-se professor de música na educação básica: um estudo a partir de narrativas de professores*. 2011. 196f. Tese (Doutorado em Música), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOLÍVAR, António. Las historias de vida del profesorado: voces y contextos. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, Ciudad del México, v. 19, n. 62, p. 711-734, 2014.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. [Org.] *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. [Org.] *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 03-13.
- FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou De a *shared authority* à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo; SANTHIAGO, Ricardo. *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas: Papirus, 1997.
- GARBOSA, Luciane Wilke Freitas; WEBER, Vanessa. Narrativas, docência e música: os sons da memória como possibilidade para a pesquisa em Educação. In: BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro (Org.). *Educação musical e*

unidocência: pesquisas, narrativas e modos de ser do professor de referência. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 37-54.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2017.

HERMETO, Miriam; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2022.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Traduzido por: Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa Contexto, Imagem e Som: um manual prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 90-113.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LOZANO, Jorge. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. [Org.] *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 15-25.

MACIEL, Ana. Memórias colecionáveis: Testemunhos audiovisuais com doadores do Museu Paulista (USP). In: MAUAD, Ana Maria. *História oral e mídia: memórias em movimento*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MAFFIOLETTI, Leda; ABRAHÃO, Mari Helena Menna Barreto. Pesquisa narrativa em educação musical: considerações de ordem epistemológica. In: BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. *Educação Musical e Unidocência: pesquisas, narrativas e modos de ser do professor de referência*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2017.

MAUAD, Ana Maria. Memórias em movimento: a experiência com fontes orais e visuais do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF. In: RODEGHERO, Carla; GRINBERG, Lúcia; FROTSCHER, Méri. *História Oral e práticas educacionais*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral, como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SALGADO RIBEIRO, Suzana. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.

MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. *Revista Paradigma* (Edición Cuadragésimo Aniversario: 1980-2020), v. XLI, jun. 2020, p. 57-79.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto) biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. *Coisas do Gênero*. São Leopoldo, v. 2 n. 2, p. 302-314, ago./dez. 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto) biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Investigación cualitativa*, v. 2, n. 1, p. 6-26. 2017.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRANTO, Aliny Dayany de Medeiros. História da educação e os usos das narrativas orais: refletindo sobre relações de autoridade compartilhada. In: AZEVEDO, Crislane Barbosa de; NETA, Olívia Morais de Medeiros. *Temas de Fundamentos da Educação*. Recife: Editora TMB, 2023. p. 10-22.

ROGERS, Carl. *Liberdade para aprender*. Tradução: Edgar G. M. Machado, Marcio P. Andrade. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo; SANTHIAGO, Ricardo. *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SOUSA, Sheila. A memória e seus desafios: perspectivas sobre as fontes orais. In: GONÇALVES, Rodrigo; RIBEIRO, Marcos. *História, Intelectuais e Poder*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 232-241.

SOUZA, Zelmielen Adornes de; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A Teoria Fundamentada na pesquisa qualitativa em educação musical: delimitações conceituais, construções e potenciais. *Opus*, v. 25, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Fotobiografia e entrevista narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). *Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 125-142.

SOUZA, Zelmielen Adornes de. *Aproximações e distanciamentos na docência virtual em Música: narrativas de professores formadores em cursos de Pedagogia da UAB*. 2018. 301 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

SOUZA, Zelmielen Adornes de; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A Teoria Fundamentada na pesquisa qualitativa em educação musical: delimitações conceituais, construções e potenciais. *Opus*, v. 25, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2019.

TAROZZI, Massimiliano. *O que é a Grounded Theory: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados*. Petrópolis: Vozes, 2011.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado, história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOMAZI, Ana Carla Simonetti Rossato. *A voz pedagógica de professoras formadoras em música na pedagogia: narrativas (auto) biográficas*. 2023. 197 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar*. História, memória e política. Lisboa: Unipop, 2012.